

## A MELHOR CARTA DE AMOR DO MUNDO

Um dia Chico das Facas se apaixonou por Dorinha Cafuá. Pela primeira vez nos 12.225 dias de seus 33 anos incompletos, ele ouviu seu coração bater um tumtumtum mais forte. E, como isso era novidade, ele não sabia como agir, falar, pensar. Aproximar-se da moça, assim, simplesmente, era fora de propósito. Ela era a filha do prefeito, a neta do ex-senador, a bisneta do fundador da cidade e carregava no sobrenome Cafuá o batismo de mais da metade das ruas e prédios públicos da pequena e pacata Senhora dos Bezerros. Ele só herdara do pai o ofício de amolador de facas que se converteu também em sobrenome. Mas o amor não se interessa por estes detalhes e incomodava Chico como se fosse uma coceira queimando lá dentro. Toda vez que o enamorado observava Dorinha de longe, vinha a suadeira, a tremedeira e outras eiras que o tiravam o norte. A sugestão de escrever uma carta de amor surgiu como um sopro de pensamento que veio sabe-se lá de onde. E quando um propósito entrava do lado direito do bestunto de Chico, tão cedo não saía.

“- Vou escrever a melhor carta de amor do mundo nem que isso demore um pouco!” Era um dia de chuva torrencial quando este arroubo de atitude possuiu Chico de tal forma que ele não se preocupou em pegar guarda-chuva ou calçar as galochas e saiu marchando em direção a praça em passadas determinadas sobre as poças e a torrente da enxurrada. Bufava, suave, cuspiam a água que entrava pela boca. E então adentrou no velho prédio que servia de prefeitura, escola fundamental, posto médico e biblioteca pública de Senhora dos Bezerros (e que se chamava Walfrida Cafuá, em homenagem a Vó de Dorinha). Enxugou um pouco o rosto mas nem cogitou em limpar os sapatos encharcados ao se dirigir a Dona Naninha – como era chamada por diferentes gerações a velha senhora que já há um quarto de século passava meio turno no posto do correio e outra metade da jornada zelando pelos livros da biblioteca municipal:

- “Quero um livro daqueles bem cheios de casos de amor, dos mais bonitos que a senhora tiver”. E, em um contraste com a ansiedade de Chico, Dona Naninha foi com toda a tranquilidade do mundo retirar um volume muito bem encadernado por ela mesmo em uma das três estantes onde repousava a modesta coleção de livros da biblioteca. Trouxe de volta e entregou nas mãos de Chico: “Esse aqui deve dar”. Chico já ia saindo apressado na chuva quando ouviu a voz determinada da velha senhora:

- Não vai molhar o livro não, senhor. Assenta aqui neste banquinho e começa a ler até esse aguaceiro ir embora.

Chico se sentou contrafeito, mas se era pra começar, que fosse ali mesmo. Então ele abriu na primeira página de “Romeu e Julieta”. E se enamorava das linhas, concentrava na trama, tentava entender as motivações apaixonadas de cada personagem. No início, o mais difícil era juntar palavra com palavra, mas do mesmo jeito determinado com que ele enfrentou a tempestade para conseguir inspiração em um livro que nunca teria aberto se não fosse a intenção romântica, Chico encarou a duras penas a enxurrada de frases que Shakespeare jogava contra ele. Com o tempo, veio a facilidade e o gosto pela leitura.

O resoluto leitor levou cinco anos para terminar o livro. Nesta meia década, ele teve duas preocupações básicas: escrever a melhor carta de amor do mundo para Dorinha (“mesmo que isso levasse algum tempo”) e evitar um encontro com Dona Naninha, que do alto de avançada idade não se esquecia dos larápios que surrupiavam livros da sua tão bem cuidada biblioteca. Quando retornou, encarou a Dona Naninha meio constrangido: “A senhora mi discurpa... é que eu sou meio demorado pra lê as coisas. Mas eu agradei muito desta história. Será que não tem outro pra mim imprestá? Dona Naninha não pensou duas vezes. Foi até a estante e entregou a Chico dois volumes com capa dura: “Leva estes dois de uma vez já que pode ser que quando você vier devolver eu já não esteja mais por aqui”. E então Chico saiu do prédio com “Orgulho e Preconceito” na mão direita e “O Morro dos Ventos Uivantes”, na mão esquerda.

No cômodo onde amolava facas ou sob a sombra de Ipê na praça em frente a casa de Dorinha, Chico era sempre visto com um livro aberto nas mãos ou ensebando embaixo do braço. Isso começou a atrair a atenção das pessoas que comentavam: “Boa coisa esse livro não deve ter pra amarrar esse bicho do mato que é o Chico das Facas”. Seus irmãos caçoavam: “Qui diacho tem nesse livro que ocê num larga ele, homem? Com tanta mulher soltinha ai neste mundo.” “Qual nada... o Chico tá nessa leitura toda pra um dia se declarar pra Dorinha”, soltou certa vez, entre uma caninha e outra, o irmão mais velho, Tião das Facas, que juntara o novo hábito de Chico ao rubor que este ficava toda vez que via ou ouvia falar da filha dos Cafuá. Como em cidade pequena segredo só é segredo quando você conta pra outra pessoa, a conversa de botequim um dia chegou aos ouvidos de Dorinha. Que mal escondeu seu sorriso diante da notícia.

\*\*\*\*

Foi preciso mais de dois anos para que o amolador de facas vencesse as páginas dos dois romances - um verdadeiro caso de leitura dinâmica se compararmos com os longos anos necessários na campanha travada contra a história de amor dos Montéquios e Capuletos. Dorinha era pacientemente e dispensava pretendentes, pra desgosto do Cafuá pai que se preocupava com o futuro da filha única e com o herdeiro que ia carregar a glória do sobrenome. Mas ela era prática também. E mandou a prima entregar a Chico um bilhete que dizia: “E então?”. Chico souou tanto que até ficou com febre...e seis meses depois mandou a resposta: “Dorinha, me espere. Francisco”. A moça, que já havia mandado embora nove candidatos, pensou: “Espero! Mas se apressa porque do décimo não passa!” Dona Naninha também tomou suas providencias em relação a falta de urgência de Chico. E quando foi forçada a se aposentar porque já não enxergava nem mais a porta da biblioteca, mandou sua substituta levar até o cômodo onde Chico amolava facas um pacote com cinco novos livros (“Anna Kariênina”, “Dom Casmurro”, “O Amor nos Tempos do Cólera”, “... E o Vento Levou” e “Jane Eyre”). A moça chamava Lurdes. Não entendia muito das letras, mas levava uma multidão de pretendentes à leitura com seu sorriso brilhante e decote exuberante:

- A Dona Naninha mandou entregar pro senhor. E disse que nem precisa ter pressa em devolver porque ninguém aqui nesta cidade leu eles mesmo.

\*\*\*

Chico acelerou seu tempo de leitura com todo o ardor. Lia compulsivamente e, quando não estava lendo, escrevia. Já há algum tempo, esgotara as folhas do caderno que ele havia comprado. Seguiu-se um novo caderno, que também se exauriu, e outro e mais outro. Muitas das folhas viraram rascunho. As primeiras, principalmente, por causa da letra que ainda não era acostuada a caber entre uma linha e outra. Mas o grosso, a essência, como em um cozido que passa horas no fogo (no caso, anos e anos) foi tomando consistência e a melhor carta de amor do mundo já ia ganhando forma.

\*\*\*\*

Um dia a carta ficou pronta. Os pretendentes de Dorinha já tinham há muito se escasseado quando ela cedeu às juras mais práticas do décimo que bateu à sua porta. Juraci Bueno desposou a filha dos Cafuá e com ela teve seis rebentos que, no final das contas, não ajudaram em muito a perpetuar o nome da família – porque eram seis mulheres que se casaram e povoaram Santana dos Bezerras, cada uma, com outras seis filhas. Hoje, 40 anos depois de celebrar suas núpcias– e viúva já há uma década – Dorinha passava suas tardes sentindo a brisa no rosto, sentada na varanda da casa

onde vivia com a filha mais velha, tomando limonada e tecendo seu crochê. Numa destas tardes, Chico apareceu em sua porta com o melhor terno (que claro, não era lá muita coisa), cabelos brancos aparados, barba acertada. A idade o brindara com um artrose e com uma bengala. Trazia consigo flores e uma carta num envelope.

- Boa tarde, Dona Dorinha. É pra senhora.

Dorinha pegou as flores e abriu o envelope. Colocou os óculos e comentou:

- Demorou, hein?

Chico sorriu e fez as contas. Desde o dia em que brotara a intenção de escrever a melhor carta de amor do mundo já haviam se passado cinco décadas. O rigor na forma e no conteúdo com que se dedicara a escrever e reescrever a melhor carta de amor do mundo só ficou abalado quando ele soube que Dorinha ia se casar. Mas mesmo então ele não se fez de rogado: “Se comecei esta carta, agora vou acabar... nem que demore um pouco mais... mas talvez ela tivesse mesmo razão... cinquenta anos é ano adoidado!”, pensou com os botões do terno.

- É que eu queria que a carta ficasse caprichada, disse sorrindo.

Dorinha então leu a carta. Eram quatro folhas, com um ou dois erros de ortografia, caligrafia caprichada, declaração objetiva - porém inspirada - palavras sinceras, uma certa sensualidade escondida e cheiro leve de alfazema. E terminava com um: “Eu te amo”, logo acima da assinatura meio torta: “Francisco.”

Leu e releu a carta mais uma vez. Enquanto isso, Chico esperava pacientemente sua reação. Percebeu a filha e as netas de Dorinha espiando por trás da cortina. A musa do amolador de facas sentiu mais uma vez o perfume no papel. Embrulhou a declaração tardia com todo o cuidado do mundo e a guardou no envelope. Devolveu o sorriso:

- Antes tarde do que nunca... ou também eu não tenha conhecido o Juraci... – suspirou Dorinha e, no mesmo instante, olhou feio em direção a janela para espantar as duas bisbilhoteiras. Só então se voltou novamente para Chico: - E agora, o que vamos fazer?

Chico tirou do terno um livro de bolso (“Doutor Jivago”) e sugeriu:

-Vamos ler um livro ali na praça?

E Chico e Dorinha foram de mãos dadas até o banco da pracinha. Sob a sombra dos ipês, ele abriu o livro e ela encostou a cabeça em seu ombro. Ela contemplava o futuro ao lado do Chico. E ele só pensava que agora ia viver uma história de amor daquelas que ha muito tempo não era escrita. Com toda calma do mundo.

**FIM**